

Crise pode dificultar apoio da base aliada

O presidente Fernando Henrique Cardoso poderá ter problemas com a sua base de sustentação política no Congresso em decorrência da crise econômica provocada pela desvalorização do real diante do dólar. Esta avaliação é compartilhada por parlamentares do PSDB, do PFL, e do PMDB, que receiam a volta da indexação da economia caso a inflação seja maior do que os 8% a 10% previstos pelo Governo quando o câmbio foi liberado. Esses aliados consideram que o fracasso da política econômica, implementada no primeiro mandato pelo ministro da Fazenda, Pedro Malan, mudará as relações do futuro Congresso com o Governo.

"Nenhum outro Congresso aceitará dar tudo o que o Governo pediu como este, que durante quatro anos foi passivo e indulgente", disse o deputado Roberto Brant (PSDB-MG). O presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), senador Fernando Bezerra (PMDB-RN), também está preocupado com a eventual perda de apoio político do Governo e pediu ontem ao presidente Fernando Henrique Cardoso que anuncie publicamente que não haverá aumento nos preços dos combustíveis para evitar que ganhe ainda mais corpo a remariação dos preços ao consumidor de todos os demais produtos.

"As pessoas estão aumentando os preços sem saber porque. Se o Presidente não assumir o compromisso de manter o preço dos combustíveis por um período determinado corremos o risco de daqui a pouco a economia estar indexada", disse Fernando Bezerra. A volta da reindexação da economia foi tema da reunião da Executiva do PFL, ontem pela manhã, que decidiu reunir os economistas ligados ao partido depois do carnaval para avaliar a situação econômica do País.

"Se a desvalorização do Real for de 40%, a inflação ficará muito acima de 10% e todos os agentes econômicos vão querer se proteger através da indexação", disse o deputado Saulo Queiroz (PFL-MS), que a partir de fevereiro será o diretor-executivo do PFL.

Os parlamentares dos partidos que integram a base do Governo prevêem que o impacto político da desvalorização do real vai ser sentido em março quando a nova realidade estiver incorporada aos preços ao consumidor. Desta forma, dependendo do tamanho da inflação e do valor das taxas de juros, Fernando Henrique terá maior ou menor apoio dos 394 deputados e 66 senadores governistas. "O sentimento das ruas é que vai determinar o comportamento dos partidos e dos parlamentares", resumiu o presidente do PMDB, senador Jader Barbalho (PA). "Ninguém é sócio na desgraça", complementou Roberto Brant.

Alguns aliados consideram que a perda de apoio já é um fato. "O Governo vai perder apoio político e nós vamos ter uma relação mais equilibrada entre Executivo e Legislativo", prevê o presidente da Federação das Indústrias de Pernambuco e deputado eleito Armando Monteiro Neto (PMDB-PE). O partido do Presidente, o PSDB, quer evitar a deterioração do Governo, 28 dias após o início do segundo mandato, e está empenhado numa operação para reanimar o Governo. Na segunda-feira, o ministro das Comunicações, Pimenta da Veiga, anunciou a criação de dois grupos de trabalho para sugerir propostas nas áreas da produção e do emprego. Hoje, a direção do partido vai ao Ministério da Fazenda dar apoio à permanência do ministro Pedro Malan no cargo, pois consideram que sua saída neste momento ampliaria o quadro de incerteza.